

Explosão na CEA Apartheid contra intelectuais

A explosão ocorrida no passado dia 17, no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane e que assassinou Ruth First, foi um atentado terroristar contra os intelectuais africanos e contra todos aqueles que, de forma séria, se debruçam sobre os efeitos que tem o «apartheid» nesta zona do nosso Continente.

Aquino de Bragança, que estava presente no momento da explosão e que ficou ferido em resultado deste acto terrorista, é o Director do Centro de Estudos Africanos. Ele e Ruth First eram velhos amigos, camaradas do trabalho de investigar a verdade das questões que se relacionam, ou que podem interferir na vida dos povos da África Austral. Ainda recompondo-se do grave choque que teve com a perda da sua principal colaboradora, ele falou-nos do significado deste atentado.

Na cama que ocupa numa das enfermarias do Hospital Central de Maputo. Aquino de Bragança afirmou-nos que a sua mais directa colaboradora foi «morta por um acto de terrorismo, a que os intelectuais da África Austral e da África do Sul não podem ficar alheios».

Lúcido, com a sua capacidade de raciocínio funcionando com a perspicácia que o tornaram figura conhecida e controversa nos meios intelectuais europeus e africanos. Aquino de Bragança disse-nos que «estávamos a brincar sobre o conteúdo dos envelopes quando ocorreu a explosão que me pareceu de início, tratar-se de um terramoto».

Aquino de Bragança e Ruth First conheceram-se «nos anos 50, num festival de juventude», que se realizou num país socialista europeu. Ele e Ruth First dirigiam desde

1978 o Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, que se dedica à investigação científica dos problemas políticos, sociais e económicos da África Austral.

Aquino descreve os cinco anos que trabalhou com Ruth First como uma época de «apaixonante e polémico debate. Cinco anos de luta pela transformação de Moçambique e da África Austral, numa perspectiva rigorosamente samoriana. Cinco anos em que Ruth First se projectou e comportou como verdadeira moçambicana. Cinco anos que trouxeram uma lufada de ar fresco à análise política do marxismo».

Considerada no Centro de Estudos Africanos como «braço direito de Aquino», Ruth First era a «ordenadora do Centro, o general que executava os planos de estratégia (Aquino), impondo-lhes um

cunho muito pessoal». Ela organizava cursos para quadros moçambicanos sobre temas de interesse para o desenvolvimento do país, integrado na África Austral, mostrando-se, no dizer de Aquino, como «incansável investigadora de grande sensibilidade e personalidade de aço».

Aquino de Bragança considera que «é necessário criarse uma Comissão Internacional para se fazer um inquérito sobre a explosão que vitimou a Ruth, analisando-se aquilo que ela tantas vezes me disse: eles (sul-africanos) praticam o terrorismo contra as nossas armas críticas e intelectuais».

No momento em que se deu a explosão, Aquino, Ruth, Brigett e Pallo Jordan, faziam tempo para irem a uma festa de despedida a John Saul, um canadense investigador de ciências sociais conhecido internacionalmente. Poucos dias antes, todos tinham participado numa Conferência de Ciências Sociais patrocinada pela UNESCO onde observadores e participantes constataram que o «debate se elevou a um nível que raras vezes se atinge».

Aquino, político e diplomata que imprime um estilo muito pessoal nas relações que mantém com dirigentes e políticos africanos e europeus, diz-nos que no seu Centro «aprendemos com Samora Machel que os problemas políticos não se resolvem administrativamente, nem por acções terroristas. É no terreno do debate, prossegue ele, que de-

Tempo
29/8/52

vemos ganhar marxistas e não-marxistas».

Homem ligado de longa data à FRELIMO, este professor moçambicano fez-nos, no seu leito hospitalar, uma das muitas revelações que a sua biblioteca mental ainda guarda e que se relaciona com a admiração muito especial que tem pelo Presidente Samora. Aquino conta-nos os efeitos de um caso idêntico, ao que agora lhe privou

da companhia da sua «grande camarada» e das lições que dele tirou.

Foi em 1970 que «alguns comandantes da FRELIMO foram falar com o Presidente Samora sobre os autores do assassinato de Eduardo Mondlane. Já se sabia onde estava o pólo deste assassinato e que o coordenador de toda esta actividade era Simango. Eles disseram que vinham pôr-se à disposição do Presidente Samora para se acabar com o homem que tinha provocado o luto na FRELIMO. O Presidente respondeu-lhes que essa decisão não o incluía a ele, porque nós somos contra todas as formas de terrorismo».

Para Aquino e Ruth, «os problemas teóricos têm que se materializar no debate — daí o marxismo dever chegar ao ilimitado, em vez de se impor como catecismo». Mas, não se poupavam um ao outro «vivendo no conflito da crítica dura, mas saudável».

Os dois vieram-se a conhecer

politicamente em Marrocos, primeiro, e mais tarde na Argélia, onde «me recordo de juntos termos substituído com Ben Barka, que viria a ter um fim semelhante ao dela». Era uma mulher «apaixonante porque, como Aquino explica, não acreditava em jacobinos, querendo sempre chegar ao fundo das questões», como acontece no seu livro sobre regimes militares em África — «Pelo Cano da Arma» — ou «Libia».

Por isto, quando o Reitor da Universidade solicitou a Aquino de Bragança a hipótese «de se criar um Centro de Estudos Africanos em Maputo, procurei alguém com sentido de organização e que, ao mesmo tempo, pudesse viver na tensão da luta de ideias. A Ruth era a única pessoa que eu conhecia com essas qualidades».

Com os olhos vendados para se recompor de algumas das feridas, que a explosão que vitimou Ruth First lhe provocou na zona da vista, «mestre Aquino», disse-nos que

lamentava que «o trabalho de investigação de Ruth em Moçambique seja desconhecido no exterior, porque entretanto a loiça partiu-se e ficou a herança».

O autor deste crime é «o regime do apartheid que quer sobreviver impondo o fascismo para pretos e, por enquanto, oferecendo alguns direitos democráticos aos brancos». Um regime que vê em Ruth First, ou Aquino de Bragança, vê no Centro de Estudos Africanos, fábricas de inimigos, porque investigadores da verdade e produtores da ciência das sociedades da África Austral, que vivem sob a ameaça permanente do apartheid.

Por esta razão, o professor Aquino de Bragança pensa que «este atentado terrorista contra Moçambique», deve merecer a atenção de todos os intelectuais desta região, sul-africanos inclusive, «para debaterem o sistema do «apartheid». É preciso sensibilizar todos para este fenómeno terrorista da nossa zona».

ALVES GOMES